

Entrevista com José Marcello dos Santos

Interview with José Marcello dos Santos
Entrevista a José Marcello dos Santos

UMA CONVERSA SOBRE O “CANDOMBLÉ DE RUA”: O AFOXÉ ACABACA E OUTRAS HISTÓRIAS CEARENSES DO IJEXÁ

Ozaias da Silva Rodrigues¹
Gabriela Pedrosa²



Fonte: acervo pessoal do entrevistado, 2009.

A presente entrevista foi realizada em Fortaleza no dia 5 de setembro de 2018 com o percussionista Marcello dos Santos que é carioca, mas radicado no Ceará desde 1990. Marcello é ogã alabgê, percussionista e musicista com experiência em música afro-brasileira. Ele é coordenador da Caravana Cultural que realiza aulas, oficinas e shows voltados para a música percussiva e cultura popular, além de ter o grupo Batuqueiros da Caravana que estuda variados ritmos. Também é curador da Biennale Internationale de la Percussion - Rennes/França - e é membro do afoxé ACABACA. Sua ligação com o carnaval de Fortaleza vem desde o início dos anos 2000, com trabalhos em baterias, afoxés e maracatus. Coordena vários grupos artístico-culturais/percussivos e projetos que têm a missão de fomentar o estudo, o conhecimento, a manutenção e a difusão da cultura afro-brasileira, além de desenvolver projetos em comunidades quilombolas. É idealizador

¹ Doutorando em Antropologia Social pelo PPGAS/UFAM. Bolsista FAPEAM.

² Graduada em Letras pela UFC (Universidade Federal do Ceará).

e coordenador geral da “Bienal da Percussão”, tendo atuado também no “Boi Pretinho”, no “Maracatu Rei do Congo”, no “Bloco Tambores Carnavalescos” e no “Bloco Bons Amigos”. Marcello é um autêntico representante da cultura afro-brasileira que vem difundindo diversos conhecimentos a partir de suas experiências de estudos, pesquisas e trabalhos realizados no Brasil e em outros países.

Ozaias: Hoje é dia 5 de setembro de 2018, estamos aqui eu, Ozaias Rodrigues, Gabriela Pedrosa e o Marcello Santos do afoxé ACABACA e aí eu vou começar perguntando para o Marcello, a partir da tua experiência, como é que você definiria o que é um afoxé?

Marcello: Bem, é primeiro assim, o afoxé, assim, popularmente dizendo é um Candomblé de rua. Só que pra nós, que somos da religião, pra nós que estamos no movimento, ele é mais que um simples Candomblé de rua, tá entendendo? Porque quando nós vamos pra rua, nós também fazemos as nossas funções dentro de um terreiro, então eu não posso dizer que é um Candomblé de rua se eu faço a função lá dentro do terreiro. Mas ele é uma estrutura cultural e religiosa ou cultural-religiosa, então ele seria mais, digamos, o compromisso que eu tenho dentro da religião, o sagrado, eu também tenho dentro da cultura, dentro do popular.

Ozaias: Geralmente a definição básica é essa do Candomblé de rua. Tem algumas pessoas que são da Umbanda e que são da Jurema que entram nisso, então assim, o afoxé ele tem essa abertura, não precisa ser necessariamente do Candomblé pra participar?

Marcello: Isso daí, o ACABACA mesmo é um exemplo. O afoxé, é, os afoxés que se tem aqui no Ceará, você tem o primeiro, né, que foi o Filhos de Sudã, né, que é a casa do Pai Shell, eles foram os fundadores do primeiro afoxé, Filhos de Sudã. E o segundo foi Korin Orun. Korin Orun ele foi fundado por mim, por Marcos, Marcos da Justa, Leno, Roney, o Sérgio Boca de Rum, Léo, André e Júlio, Júlio de Xangô. Então nós éramos sete ogãs e o Júlio pai de santo. E nós fundamos, acho que em 1992, o afoxé Korin Orun, né, que seria o segundo e depois do Korin Orun, nós tivemos o Kalunga Banzo e depois o ACABACA. Então hoje, em existência, em atividade, o ACABACA é o mais velho, né, o ACABACA ele é de 2007, é isso daí... 2005 e ele... não, 2007 mesmo, 13 de maio de 2007. Então você vê uns nessa cronologia dos afoxés, né, e graças a Deus a gente tá crescendo, o movimento dos afoxés, não só o surgimento dos afoxés, mas sim com a qualidade com que esses afoxés vem aparecendo. Uma coisa é a gente pegar ali e botar, sabe, outra coisa é a gente ter a qualidade, se eu tecnicamente falando, como musicista, como etnomusicólogo, como o que seja, pesquisador, todos os afoxés eles estão no mesmo nível, todos. Você vê pouquíssima diferença e não tem aquela coisa assim gritante de um afoxé pro outro, a qualidade nas vestimentas, a qualidade nas cantigas, nos toques são muito próximos, pouquíssimas coisas mesmo e todos eles vem de casa de santo. O único que não veio de dentro de um terreiro, mas faz as funções que são necessárias é o ACABACA. O ACABACA ele é um associação cultural, ele não é um afoxé que nasceu dentro de uma casa de santo, mas ele é um afoxé e tem um orixá que rege, um patronese, uma matronese, que é como se chama, é feita as coisas antes de ir pra rua, é dado comida a quem deve ser dado comida, são feitos preceitos, são feitas as coisas todas, mesmo sendo uma associação. Então são realizadas todas essas funções do mesmo jeito que são realizadas essas funções nos outros afoxés que são de dentro de uma casa de santo.

Ozaias: Já pegando um gancho disso, o que que seria assim, pra você, o que motivou a criação do ACABACA? Do afoxé ACABACA, especificamente?

Marcello: O afoxé ACABACA foi fundado pelo Ivaldo Paixão né, então assim, na fundação dele, ele me procurou, ele e um outro grupo de outras pessoas, né e, “Marcello, como é que nós fazemos um afoxé?” Aí eu falei assim: “Como assim, como é que nós fazemos um afoxé?”, por que vocês querem fazer um afoxé? Tá entendendo? Tinham algumas pessoas que eram da religião, mas ele é o nosso, digamos, presidente de honra, presidente fundador, ele não é da religião, ele é católico, né, então ele fundou por paixão, o nome dele é Paixão, mas ele fundou por paixão, pelo amor às tra-

dições africanas, pelo amor à cultura, pelo afoxé e ele foi perguntar e a gente explicou como é que deveria ser feito. E no momento, junto com mãe Taquinha... o afoxé Filhos de Oyá saiu de dentro do ACABACA, eles saíram do ACABACA, dois, três anos depois e fundaram o Filhos de Oyá, que a sequência é: ACABACA, Filhos de Oyá, Oxum Odalá, Obá Sa Rewá, Omorisá Odé, tem ainda Soldado de Ogum, tem um outro afoxé, é, ali pelo lado da Sargento Hermínio, que é o Paulo, mas também que ainda não foi pra rua e tem o Filhos da Nação, lá na Caucaia. Então, competindo, estando no meio da rua, nós temos cinco, mas tem mais uns dois ou três que estão chegando. Estão chegando por aí também, acho que antes do final da pesquisa de vocês, vocês vão ter que dá um adendo nela, vocês vão ter que fazer alguma coisa pra botar, para postar a mais na pesquisa.

Ozaias: E vamos precisar que você faça essa ponte se for possível.

Marcello: Não, tranquilo. Isso daí é tranquilo.

Ozaias: Porque esses que a gente conseguiu é exatamente por conta disso que você falou, são o que estão na avenida, são os que já são conhecidos, são os que aparecem no site da prefeitura lá dizendo que participou, aí esses daí não aparecem. No caso, a matrona do ACABACA é Iemanjá?

Marcello: Iemanjá! Eu acho que o nome correto é matronese, mas depois a gente pode pesquisar, sabe, é patronese e matronese é, acho que é o feminino. O orixá que rege o ACABACA, as cores e tudo é Iemanjá.

Ozaias: Aproveitando que você já tinha falado do Korin Orun, qual foi o ano da criação?

Marcello: 1992.

Ozaias: 1992. Ele durou mais ou menos?

Marcello: Korin Orun, ele nunca foi pra avenida, porque nessa época não tinha. O ACABACA que fez essa revolução todinha. Até a gente competir em blocos em outra categoria nós tivemos que competir, porque não tinha afoxé pra competir com a gente no Carnaval. O Korin Orun, nós tocamos no dia de combate à AIDS no Centro da cidade, fizemos vários shows. Antes de ter o Dragão do Mar, a gente fazia show ali no Coração Materno, era uma casa que tinha na Avenida Dragão do Mar, não existia Dragão do Mar, era só aquela avenida ali e na própria cidade, na UFC, cansamos de tocar com Rebel Lion, com vários outros grupos. Na cidade ele era bem atuante, o Korin Orun, mas assim, acho que o forte mesmo nós duramos uns dois a três anos, forte. E aconteceu um acidente com uma das diretoras nossa e foi quando ele deu uma segurada, deu uma parada. Uma mãe de santo que era uma diretora nossa, ela foi assassinada dentro de um barracão numa cerimônia religiosa, onde no outro dia nós íamos fazer uma festa pra cem crianças, do afoxé. Então foi uma tragédia, foi uma coisa muito chata e isso desmotivou muita gente, então nós mesmos seguramos o afoxé e nessa época o afoxé estava na casa dela. Estávamos lá, com sede, com tudo lá, os instrumentos, tudinho, bem, bem forte. Mas o Korin Orun ele veio forte lá no Tamandaré, em noventa, noventa e um, noventa e dois, por aí e os ensaios, as coisa toda eram ali pro lado do Tamandaré, não tinha São Cristóvão ainda ou tava no início do São Cristóvão.

Ozaias: E no caso, teve investigação da morte?

Marcello: Teve, isso é uma outra parte, mas as pessoas que mandaram matar foram presos, alguns nem vivos são mais e outros tão cumprindo pena aí, problemas. Problemas pessoais, não problemas culturais e nem religiosos, aliás, religiosos podem até ter sido, né.

Ozaias: No caso quando vocês, no caso do ACABACA, quando vocês começaram a se organizar pra constituir ele, foi fácil ou difícil encontrarem parcerias e assim de uma forma geral, pra agregar e fortalecer?

Marcello: O ACABACA, ele passou os dois primeiros anos dele somente com um grupo, né, por quê? Olha só, se você monta um afoxé dentro de uma casa de santo, você já tem as pessoas da casa de santo, os adeptos e os amigos. Imagina, o ACABACA, ele não é de uma casa de santo, nessa época que o ACABACA foi montado, não tinha nenhum afoxé, os três afoxés anteriores ao ACABACA, todos eles tavam parados: Filho de Sudan, o Korin Orun e o Kalunga Banzo. Todos eles estavam parados, então assim, o ACABACA ele vem numa, se eu monto um afoxé hoje, eu tenho seis, sete afoxés hoje na cidade, então eu tenho uma referência. Quando o ACABACA veio

ele não tinha essa referência. Tanto assim, a nossa referência eram os Filhos de Gandhi, então aonde a gente ia atrás de pesquisar era com Gandhi, aonde a gente ia atrás de letras, de vestimenta, de vídeos, de... hoje nós temos uma internet, nós temos as coisas, bem, mas há 13, 14 anos atrás a gente não tinha tanta velocidade, tantas coisas, tantas matérias como nós temos hoje. A internet de 15, 20 anos atrás ela num chega nem aos pés da revolução que nós temos de 7 anos pra cá, com tecnologia em celular, tecnologia em tudo, em tudo, 4G, essas coisas toda. Imagina você, mantendo uma internet com pulso, hoje ninguém imagina um negócio desse, que ficava pulsando pra entrar, às vezes você passava quase uma hora, ela só, puuuuh, pô, você imagina como é que seria. Então assim, o ACABACA, ele não tinha essa, essa referência. Não éramos de casa de santo e nem se tinha outro afoxé pra servir de inspiração na cidade. Os dois primeiros anos vieram e nós ficamos uma coisa bem, bem assim, pouco otimista, uma coisa bem simples. Acho que no terceiro ano do ACABACA foi quando deu um boom, a cidade, não, não me engano, acho que inclusive o tema do ACABACA “No Ceará tem sim afoxé”, porque teve umas questões na cidade, outras agremiações, de maracatus, de samba, de cordões “Quê que esses caras querem fazer afoxé aqui?”, sabe? Então, e a gente dizia que tinha afoxé sim. Foi quando saiu essa pesquisa do ACABACA falando dos afoxés antigos e falando depois dos afoxés novos. Eu acho que foi já, 3 ou 4 anos depois, eu não tenho certeza, mas dá pra gente pesquisar depois a cronologia dos orôs do ACABACA.

Ozaias: E aí vocês fizeram uma música, contando o histórico, né?!

Marcello: Nós estamos falando dos afoxés do Ceará: “Mãe de Cazumba faça tilintar, o som do ajá, porque sou ACABACA...”.

Gabriela: Ah, eu conheço...

Marcello: “E vou falar, agora eu vou falar dos afoxés do Ceará e vou falar, agora eu vou falar dos afoxés do Ceará, olha aí...”, aí você começa a dizer os patronos de cada afoxé e depois o nome dos afoxés.

Gabriela: “É Filhos de Sudã, foram os pioneiros...” (cantando)

Marcello: É Filhos de Sudã foi o pioneiro, é Korin Orun, Kalunga Banzo, ACABACA, é, Obá Orun, Filhos de Oyá e o mais novo é Oxum Odalá, é afoxé, afoxé tem disso sim no Ceará, é afoxé, afoxé....

Gabriela: Esse foi o primeiro?

Marcello: Não, esse foi já o quinto ou sexto ano. O primeiro, é, “Eu sou filho de orixá babá, aê aê, não venha me provocar, aê aê, eu sou dona da avenida aê, deixa o meu bloco passar, cantando assim, ororundê morundê aê aê ororundê” e o segundo foi ACABACA eu sou. O ACABACA eu sou, ele virou um hino, não tem como a gente não falar de ACABACA sem falar o ACABACA eu sou, que é “ACABACA, afoxé de terreiro eu vi. Afoxé de terreiro eu vi, quando chega o carnaval... manto da paz, ACABACA vem saudar seus Orixás e no toque, no agogô, alabê pôs-se a entoar, canto da nação nagô, na avenida vão virar, toca rum, dobra rumpi e o lé, sempre a marcar, na cadência oriunda negro ijexá quero ouvi cantar, ê ACABACA eu sou, eu sou, afoxé da rua, tradição, afro nagô eu sou...”. Então, a gente canta essa música, aí ela virou tipo um hino do ACABACA. Pode ser o que for, a gente tem que cantar “ACABACA eu sou”. Vai começar o desfile, a gente canta “ACABACA eu sou”. A gente vai botar num CD, a gente canta “ACABACA eu sou”. Os ensaios, a gente, todo mundo do ACABACA, acho que é a primeira música que eles aprendem antes de tocar, antes de dançar é a cantar “ACABACA eu sou”.

Ozaias: E o significado do nome?

Marcello: Acabaca é Associação Cultural Alaxé blá blá blá... é a sigla.

Ozaias: Tem o nome oficial né?!

Marcello: É, é ACABACA e ACABACA nós fizemos uma música “Eu sou ACABACA, de trás pra frente, e de frente pra trás”, por quê? Se você botar ACABACA de trás pra frente e de frente pra trás é a mesma coisa. Se você botar ACABACA da direita pra esquerda, da esquerda pra direita...

Ozaias: Mas foi assim de improviso?!

Marcello: É, nós nem pensamos nisso não. O nome foi criado, era um nome muito grande: Asso-

ciação Cultural Bloco de Afoxé Camutuê Alaxé. Pô, ficaria muito grande! “E Atenção, e na avenida Associação bloco carnavalesco” blá blá blá...

Gabriela: Aí já terminou (risos).

Marcello: É mais fácil ACABACA. É mais fácil.

Ozaias: É, e esse finalzinho Camutuê Alaxé?

Marcello: Porque, é, como foi jogado é o nome mesmo.

Gabriela: Aí, eu num vídeo, acho que era a mãe Taquinha, era uma entrevista também... que ela estava explicando esse negócio da escolha do nome.

Marcello: Porque você tem que jogar pra perguntar qual o orixá que vai reger aquele. Isso vai interferir nas cores, vai interferir tudo.

Gabriela: Até ela tinha ficado meio assim porque as cores que ela queria não foram as que...

Marcello: Do afoxé dela.

Gabriela: Foi, não foi as que saiu. Aí ela, “Não, mas o Orixá que quer essa cor”...

Marcello: É o orixá que quer.

Gabriela: “...Então vai ser essa cor”.

Ozaias: No caso, quando, a primeira entrevista que eu fiz foi com o Marcos Amorin e com o Márcio Lima, aí ele tinha falado assim, inclusive eu vou até perguntar pra você, já que você disse que o referencial do ACABACA eram o Filhos de Gandhi, como é composto só de ogãs, então não tem a presença feminina lá...

Marcello: No Gandhi?

Ozaias: Isso, e aí no caso de vocês, como vocês tinham referência, quando vocês construíram o ACABACA, tinha mulher lá participando? Como foi essa inserção?

Marcello: Sim, sim, a referência do Gandhi foi mais como estrutura, né, eu participei nove a onze anos no Gandhi. Eu dou aula em Salvador, eu participo lá. A minha casa de santo é a Casa Branca, é a primeira casa de santo aberta no Brasil. Eu sou da Casa Branca do Rio, mas a gente rege por Salvador e eu sempre tô em Salvador. Então assim, a referência nossa, é assim, o Gandhi ele foi fundado porque teve uma greve, os estivadores durante o carnaval não tinha, não tinha, ele é de 1947 ou 1949, alguma coisa assim, não tinha o que fazer e eles falaram: “Ah, vamo pular o carnaval”. O pessoal da capatazia. A maioria dessas pessoas da capatazia eram de terreiro de santo, de Candomblé e foi assim. E na época, em 1947, 1949, Mahatma Gandhi ‘tava’ uma revolução no mundo, com a cultura de paz e essas coisas toda e o Gandhi falou assim: “Pô”, pegaram uns lençóis, amarraram, pegaram uns atabaques e saíram tocando o ijexá. Era o que eles sabiam fazer, nessa época não tinha Timbalada, nessa época não tinha nem trio elétrico, em 1947 não se tinha, né. Então eles saíram lá. Quando foi no outro ano eles falaram: “Não, peraí, vamo fazer isso”, aí sim, não peraí, nós, tanto assim, o Gandhi, o afoxé Filhos de Gandhi ele ainda é com H, GHY, fazendo uma homenagem a ele. E nessa época, onde eles viviam? Onde eles frequentavam? Eles frequentavam o Pelourinho, a sede do Gandhi, tem a casa do Jorge Amado, ele é à direita da casa do Jorge Amado. E o Pelourinho nessa época ali era o baixo meretrício, era um local de prostituição, aonde tinha os puteiros, aonde tinha a coisa toda e na época não tinha muito revólver nem nada, a maioria das brigas era navalha e faca. Se a sede deles é ali próximo de um puteiro, as pessoas que iriam sair seriam homens e mulheres dali. Então, foi uma opção dos dirigentes do Gandhi para não acontecer briga na avenida descer só homens porque as mulheres deles, da maioria deles, eram meninas que faziam ponto ali. Então imagine, um cara que namorava com uma e o outro namorava com a mesma, eles poderiam na avenida brigar, e se elas estivessem dançando e viesse junto, poderia dar briga dentro do Gandhi. E aí surgiram com o quê? Com uma mensagem de paz e até hoje o Gandhi tem essa mensagem. O Gandhi é o tapete branco, então o Gandhi ele tem oito mil, eu já vi o Gandhi com dezesseis mil pessoas. Eu tenho filmagem aqui em casa que da avenida Chile até a Castro Alves você só vê um tapete branco, assim, um mar de pessoas, então assim, eles pregam a paz e estão até hoje, imagina se você, tem as Filhas de Gandhi, as meninas, que já são netas, que já são filhas das pessoas do Gandhi. Então assim, a nossa referência do Gandhi, ele era

uma referência de toque, de canto, tá entendendo? De como, tanto, assim, os nossos agogôs eles tocam como Bahia, não como Pernambuco.

Ozaias: Como assim?

Marcello: É, o toque do agogô nosso é embaixo, ele é diferente de alguns outros afoxés. No Candomblé também o agogô se toca embaixo, ele começa embaixo. São códigos, as pessoas que tão ali dentro sabem.

Gabriela: Quem tá de fora... eu não iria saber.

Marcello: E nós tocamos o abê, o abê do ACABACA, ele já veio da Caravana, a Caravana Cultural. Então assim, a Caravana Cultural já tem esse jogo de abê, dos baque virado, dos maracatus e como muita gente foi tocar no ACABACA, então o que acontece, o ACABACA ele teve a influência do jogo de abê, da Caravana, nós tivemos o agogô e os atabaques do Gandhi e do Candomblé. O nosso atabaque ele é mais puxado pro Candomblé do que o da Jurema, do que o da Umbanda. Os nossos atabaques, eles não são acelerados, o do ACABACA. E nós não tocamos um atabaque com pele industrial, é só pele animal.

Gabriela: Gera alguma modificação de som?

Marcello: Gera, gera. Você tem um som de pele animal, de atabaque e em alguns outros afoxés, isso não quer dizer, que seja certo e nem errado, são opções. Você já tem um som mais de timbal. É mais agitado, é mais rápido. Isso vai influenciar o que você tá dançando. Se você vai tocando um pouco mais tranquilo, um pouco mais reservado, as pessoas vão dançar um pouco mais tranquilo, um pouco mais reservado. Se você toca um pouco mais acelerado, as pessoas vão dançar um pouco mais acelerado. Mas isso daí são opções de cada estrutura de afoxé, mas dentro da cultura negra, sempre esses códigos existiram.

Ozaias: Eu queria que você dissesse qual é a estrutura do afoxé: tem a parte do pessoal que toca, tem a parte do pessoal que veste... Quais são as funções, os grupos que compõem o afoxé pra reunir todos, pra botar ele pra rua, quais são, não sei se é comissões, grupos...

Marcello: A nível de avenida, olha só, a estrutura do ACABACA, por exemplo, a nossa sede é na Rosalina, no bairro da Rosalina, então hoje, hoje a nível de estrutura física, de prédio, é difícil ter uma... isso pode ser nos maracatus, pode ser nos afoxés, pode ser nas escolas de samba, é difícil você ter uma sede, uma estrutura como o ACABACA tem. Nós temos um estúdio de gravação dentro da sede do ACABACA. A nossa sede é toda isolada acusticamente pra não interferir na vizinhança. Então, nós temos salas de dança, nós temos uma área aonde nós podemos guardar as nossas fantasias, nossas roupas. É um prédio de dois andares, que é a sede da gente aqui. E a estrutura de organograma de avenida eu faço a coordenação geral, do ACABACA. Então a minha função no ACABACA são os alabês, mas fora isso, junto com uma equipe e uma equipe muito boa, o ACABACA, a grande vantagem é que nós temos uma equipe muito boa, sabe, a nível de estrutura. Então nós temos quem? Nós temos o Gildásio, que ele é responsável pela capoeira, pessoas da capoeira, que é um dos cantores também do ACABACA, na avenida ele que canta também, vem cantando. Nós temos, eu coordeno os alabês, mas eu tenho nos atabaques a Mãe Lu, eu tenho o Wellington e o ogã Tiaguinho. Eu tenho nos abês, eu tenho a iaô da Oxum, eu tenho uma ekédi comandando, quer dizer, eu tenho a Juliana e a Tailânia, comandando os abês. Nos agogôs, eu tenho o Alex, que é um musicista gigantesco, e o Célio também outro musicista gigantesco. Então assim, só aí eu tenho uma equipe. O ACABACA hoje, ele desce em torno de quarenta atabaques, nós descemos em torno de 20 a 30 abês e 20 a 30 agogôs. Então o nosso batuque é de 60 a 80 pessoas, nem os maracatus têm esse batuque. Nem um maracatu tem esse batuque. Aí eu tenho uns quarenta na capoeira, eu tenho a ala dos orixás, nós estamos quase, isso ainda não é fato, nós estamos quase extinguindo a ala dos Orixás. Nós estamos chegando num consenso de deixar só Iemanjá na avenida, a gente não colocar todos os orixás na avenida, mas até hoje, a nossa estrutura, a ala dos orixás são em torno de doze, a gente sai com doze orixás, repetindo Iemanjá, porque é uma ala coreografada e tem a Iemanjá que vem na frente dos alabês. Então nós saímos com duas Iemanjás, uma dançando e a outra dançando também, mas ela representando o ACABACA e vale nota, apesar que nós não

estamos competindo. Já tem três anos que a gente não disputa mais o carnaval. E eu tenho uma ala de dança, que vem em torno de umas trinta pessoas, eu tenho umas setenta pessoas nos alabê e nos atabaques. Eu tenho umas trinta a quarenta e a capoeira. Tem a ala de convidados que vem em torno de vinte a trinta e tem a ala da dança. Então assim, o ACABACA, a gente desce hoje em torno de 120 a 170 pessoas na avenida. No ano que vem, de 2019, nós estamos vindo com uma ala só de, de chamado povo de rua, povo da rua, são os mensageiros, são vinte e cinco, vinte e cinco pomba-gira e vinte e cinco exus. Eles vão vir coreografando, todos vestidos, então vai ser mais uma ala que vai ser em torno de trinta a cinquenta pessoas, né, então isso vai interferir no toque, porque, se eu tiver competindo, se eu tenho cem pessoas pra atravessar a avenida em trinte e sete minutos, em quarenta e dois minutos, eu tenho que botar meu toque, 137, 138, o decibelímetro, pra poder tocar na avenida. Se eu ponho 200 pessoas, eu tenho que aumentar para 140, a batida, porque se eu não fizer uma batida um pouco mais acelerada, eu vou estourar meu tempo na avenida, pela quantidade de pessoas, então tudo é analisado, não é você botar ali, ô não, você tem que saber, aonde vai os alabês, porque tanto as pessoas na frente como as pessoas atrás, tanto as pessoas na frente como as pessoas atrás do batuque ela tem que escutar, mesmo na avenida tendo som, porque, nós não colocamos vários rum, rum é um atabaque que vira, então a gente só coloca um rum. Então colocamos em torno de quinze a vinte rumpi, quinze a vinte lé, que são a divisão dos atabaques, das peles. Os abês eles vão na frente e os agogôs eles vão no meio, então não é simplesmente você pegar um afoxé e jogar, você tem que estudar o que vai ser feito ali. Isso é em cima de pesquisa, de tempo, como o ACABACA vem, como não vem. As pessoas querem microfone dentro do batuque, a gente não quer microfone dentro do batuque, porquê? A gente tem um delay, então cara tá aqui, até ele chegar lá na ponta, ele tem dois a três segundos de delay, e quando ele volta, ele volta com mais dois, três segundos de diferença, então fica uma coisa “bum bum bum blac, bum bum bum blac”, aí fica uma coisa, parece até um atabaque em cima do outro, sabe. Então a gente não coloca som dentro dos instrumentos, ele fica acústico, mas a gente mantém uma unidade no batuque. Uma coisa é você pegar vinte pessoas tocando, outra coisa é você botar oitenta pessoas tocando, você comandar oitenta pessoas é uma dinâmica diferente.

Ozaias: E no caso da extinção da ala dos orixás, é uma questão de logística, de organização?

Marcello: É, questão mesmo de diretoria, a galera não tá satisfeita com, algumas pessoas não estão satisfeita com... não tem a necessidade de chegar e botar, pra gente, está entendendo? Para a gente, de repente alguém fala assim: “Ah, é errado”, não sei o que é errado, tá entendendo? Pra gente, pro ACABACA, a gente tá chegando numa conclusão que não é necessidade a gente botar Nanã, Oxumarê, Oxóssi, Omolu, botar esses orixás todos na avenida, mesmo que seja uma coisa representativa. No início eu falei o quê, “Ah, é Candomblé de rua”, não, nós temos o respeito também, eu tô trazendo as minhas tradições, tô trazendo as informações. “Ah Marcello, mas você tá trazendo Iemanjá, quer dizer, Iemanjá pode e os outros orixás não pode”, será que ela é menor que os outros orixás? Será que ela vale menos que os outros orixás? Pros outros não tarem lá? Mas ela representa o ACABACA, então sim, ali é o local dela, ela é a pessoa na qual nós devemos reverência, nós devemos toda a festa é para ela, dentro do ACABACA. Então ela sim tem que tá lá e até mesmo para explicar às pessoas de fora, que não são da religião que não entendem, explicar que ali está Iemanjá, ali, aquele afoxé ele é representado por Iemanjá.

Gabriela: Os demais afoxés, eles só levam o orixá que é do afoxé?

Marcello: Até hoje, todos os Afoxés, inclusive o ACABACA, levam todos os orixás pra avenida. Independe se eu sou de Iansã, de Oxum, de Iemanjá, de Xangô, de Oxóssi, indpende. Eles levam todos os outros, isso é uma ideia do ACABACA, que nós ainda não botamos em prática, mas é uma ideia dentro do ACABACA. Então não se assustem, de repente daqui a um ou dois anos o ACABACA não ter essa ala de orixás.

Ozaias: Você tinha falado dos abês e dos atabaques, só pra deixar claro, existe uma divisão de papeis? No caso dos instrumentos, só as mulheres tocam os abês ou só os homens tocam os atabaques?

Marcello: Não, no ACABACA não tem isso, inclusive quem dobra o meu rum é a Lu, é uma mulher, e pro Candomblé Ketu, mulher não toca, só toca homem.

Ozaias: Então a nação de vocês é Ketu, né?

Marcello: É, na Nação Ketu só toca homem, não toca mulher. Mulher não toca atabaque e o meu rum é só ela que toca, é uma mulher. Então várias pessoas, vários ogãs até vieram falando, “Pô Marcelo, tendo tanta gente pra tocar... homem”, aí eu, “Gente ela é do ACABACA, o ACABACA é assim”, até o Paixão às vezes dizia: “Viva a diversidade, abaixo a intolerância” isso é um slogan do ACABACA, sempre a gente coloca uma faixa, isso muito antes de virar moda, quer dizer, há 10, 15 anos atrás a gente já fazia isso, tá entendendo? Então a gente luta contra todo tipo de discriminação ou preconceito. Sabe, nós ‘tamo’ ali nos divertindo no carnaval, então, o batuqueiro, o tocador, o tambozeiro ele tem que tocar, me desculpa, não importa o que esteja no meio da perna dele, ele tem que tocar. Tanto que é assim oh: percussionista ele não tem sexo, batuqueiro ele não tem sexo, “Ah, Marcello, tem que botar batuqueira”, gente é só nomenclatura, porque pra gente, batuqueiro, tocador é masculino e feminino. Você aguenta o teu instrumento, você sabe tocar, então vai tocar. Se não aguenta, não sabe tocar, então não pegue. Não tem sangue nos olhos, não pegue. Independente qual sexo você tenha. No ACABACA a gente não tem isso.

Gabriela: Qual a sua função no afoxé e no ilê?

Marcello: Bem, dentro do afoxé eu coordeno, eu faço a coordenação geral de show de palco e dança artística e dentro do ilê, dentro do ilê axé, a minha função eu sou um ogã, eu sou um alabê. Então dentro do Candomblé, da religião eu sou um ogã e dentro do afoxé eu sou um diretor cultural, um coordenador geral, né? A gente vê a parte desde roupa, até pele pra trocar. É o ‘faz tudo’.

Ozaias: Sobre a trajetória do afoxé, na tua experiência que você teve do ACABACA, quais foram os momentos, eventos, apresentações que foram assim de alguma forma marcantes pra você?

Marcello: Nos carnavais, é, assim a nível de carnaval, uma coisa é quando você é o folião e outra quando você é o coordenador, né? Então assim, a gente fica ali numa tensão, fica numa pilha, a gente fica numa concentração e assim se eu faço, eu Marcelo, se eu faço uma produção, uma coordenação, alguma coisa, enquanto aquilo não termina eu não desconcentro! Então às vezes tem gente que diz assim pra mim: “Pô Marcelo passei por você na avenida e falei com você!” – “Ah, é? Foi, legal!” Eu não sei quem passa por mim, eu não sei nada, eu tô focado aqui! Sabe? É, e no palco eu me divirto mais, por que é quando eu estou tocando... Na avenida nem tocar eu toco, eu tô coordenado ali, vê se saiu do tempo, se não voltou, se tá todo mundo alinhado se não tá, espera, vem, pista, a hora de entrar, a hora de sair, roupa, não sei o quê. Então assim, no palco eu me divirto mais, você tá entendendo? É assim, mas o ACABACA nós já tivemos já várias viagens, várias coisas boas, como Mestre do Mundo, Bienal Percussiva, tocamos na Fan Fest, né! Abrimos a Fan Fest na Copa do Mundo, aqui no Brasil, sabe? Então assim é o ACABACA não tem aquela coisa assim, foi essa a apresentação, né. De repente a nível de carnaval, tem uns dois ou três que você, que você fala assim “Pô esse daqui foi...”, acho que o ano que nós disputamos ainda não tinha a categoria afoxé, nós disputamos com os blocos, cordões e todos eles diziam: “Ah, bom vocês vão agora, vocês vão ficar em último colocado. Se fosse vocês não vinha não”. E isso ali mexeu com a galera do ACABACA, então eu via na avenida a galera cantando, eu via a galera tocar, a galera falava assim “Pô, o ACABACA tá diferente aqui”, sabe? Mas porque a galera em Fortaleza falou o que não devia, então isso instigou o pessoal do ACABACA. E o primeiro ano que nós disputamos com ele ganhamos e ganhamos bem. A diferença da gente para eles foi tipo 8, 9 pontos, não foi aquela coisa que de a “cê fez sessenta e outro cinquenta e nove, não!” Nós fizemos setenta e a galera, o segundo colocado fez cinquenta e sete, fez sessenta e dois, alguma coisa assim, a diferença foi muito grande. No último quesito, a gente já sabia, no penúltimo a gente já sabia, já que já tinha vencido porque não dava pra, cê teria que tomar zero, zero, pra a gente perder o carnaval. Então aí a gente, era tipo assim a gente não chegou pra eles e disse: “Tá vendo?”, mas a galera ficou assim: “Pô, eles ganharam!”, tanto que no outro ano pediram pra gente sair, tiraram a gente, tiraram a gente da categoria de bloco e mandaram fundar uma categoria de afoxé, “Não, não, não, deixa eles

lá”. Aí tem essas coisas interessantes.

Gabriela: O ACABACA foi quantas vezes campeão?

Marcello: Nós temos quatro a cinco títulos e tem três anos a quatro anos que a gente não compete. Nós fomos campeão três vezes seguidas. Nós ganhamos numa categoria, aí depois nós disputamos, aí quando veio os outros afoxés pra disputar junto, nós ganhamos, ganhamos, ganhamos, aí nós perdemos, ficamos em segundo lugar e depois a gente optou por não concorrer.

Gabriela: Por quê?

Marcello: Primeiro, tava gerando uma disputa entre os afoxés com o ACABACA, então tinha afoxé em Fortaleza que chegava pra gente e dizia que: “Eu não quero ganhar o título não, eu quero ganhar do ACABACA” sabe? E assim nós somos dentro de uma religião aonde se tem respeito, são todo mundo irmão, sabe. Eu não sou teu rival, eu só compito com você naquele momento, sabe? Eu ando na Luiza, eu ando em Taquinha, eu tenho abertura, então tu imagina, você chegar pra tocar um Candomblé e as pessoas estarem falando do afoxé e falando mal de você e o que seja, então tava gerando uma coisa assim. E também alguns critérios que a ACECCE tem alguns critérios da gente e a gente não acha que a categoria afoxé deva, porque quando montaram os critérios de votação eles pegaram o modelo dos maracatus. Vamo supor: ala de baiana, em afoxé não tem ala de baiana. Ala de baiana você tem na escola de samba. ‘Cê’ tá entendendo? E nós temos que ter a ala de baiana. Mas a ala... o mais interessante é que a ala de baiana é obrigada a ter, mas ela não conta ponto. Ela não é um quesito, mas se você não vier com uma baiana você perde dez pontos, então assim, eu não entendo. Pera aí, se não é um quesito eu não preciso vir, mas se eu não venho eu sou descontado, mas se eu venho não é computado, não é registrado, então assim e outras coisas... Vamo supor: orixá patrono. O orixá patrono, todos os orixás patronos deveriam tomar dez, porque como eu posso dizer que aquele orixá tá mais bonito ou tá mais belo que o outro? Ou ele não entra como quesito ou se entrar é hors concours. Uma vez, uma vez nós tomamos 98 em orixá patrono e nós fomos atrás da justificativa, por que dessa nota. E a justificativa da julgadora era que o ACABACA veio em excesso de azul. Pô, se o azul representa Iemanjá eu tenho que vir de amarelo? Eu tenho que vir de verde? Eu tenho que vir de azul, com as cores da minha orixá! Então assim, gente quem são essas pessoas que vão julgar? Elas estão preparadas? Então assim o ACABACA parou e falou assim: “Vem cá. Tá gerando briga, tá gerando discussão, tá gerando as pessoas querendo ganhar da gente e a gente a não precisa disso!” Nós colocamos o afoxé na rua, não pra disputar, não pra ser campeão, nós colocamos porque nós gostamos. Se ali é um circuito que tem que competir, pra gente desfilarmos nós vamos competir, mas pra gente competir tem que está a coisa um pouco organizada ou pelo menos pensado entre os afoxés. São os afoxés que tem que sentar. O ACABACA é o mais velho, nunca sentaram com a gente e falaram assim: “O que é que vocês acham?” Nunca! Sempre trouxeram goela a dentro e vieram os outros afoxés a goela continuou. Então assim, ninguém é consultado, o pessoal da ACECCE, esse ano de 2018, já ligou pra gente perguntando qual é o problema e eles pelo menos estão querendo escutar a gente. Uma ideia nossa é fazer um congresso técnico, juntar todos os afoxés e ver o que tá certo e o que tá errado e sair com uma sugestão dos afoxés, votado pelos afoxés, não pelas pessoas de fora. Por isso nós estamos articulando essa associação dos afoxés, essa associação dos afoxés ela não vem pra competir com a ACECCE ou com Secult não, ela vem pra dizer assim: “Olha, com a gente aqui, para que todos os afoxés façam um desfile, vá pra não sei aonde o que seja, temos que conversar, temos que conversar”, porque senão daqui a pouco vão pegar e dizer assim: “Oh, tem que ter aqui um perna de pau” e todos os afoxés vão ter que botar um perna de pau, tendo influência ou não, tendo história ou não, tendo o porquê ter uma perna de pau lá. Então é mais ou menos isso. Enquanto não tiver esse congresso técnico, enquanto os afoxés não sentar, até esse exato momento o ACABACA não volta a competir. Podemos voltar a competir? Podemos, podemos sim um dia!

Ozaias: No caso você falou Orin ou é Korin Orun?

Marcello: Korin Orun, Korin é cântico, Orun é céu, Cântico do céus, cântico dos deuses. É o Orun e o Ayê.

Ozaias: E queria só saber o motivo assim, por exemplo, antes do Korin Orun, você já falou, no caso dos Filhos de Sudã, o que foi eles...

Marcello: O Filhos de Sudã eles desfilaram um ano só, numa ala de um maracatu chamado Verdes Mares. Existia uma maracatu chamado Verdes Mares e dentro do maracatu Verdes Mares saiu uma ala do afoxé Filhos de Sudã. Foi a única vez, mas existiu. Desfilou, foram pra avenida. Quem vai te explicar um pouquinho melhor sobre Filhos de Sudã é Shell.